

ARTIGOS E ENSAIOS

PRÁTICAS DE LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA E AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO DOS ALUNOS

Por Gustavo Gomes Siqueira da Rocha e Carina de Almeida Coelho

1. Introdução

O trabalho apresenta a análise de uma Sequência Didática (SD) de acordo com Schneuwly, Dolz e Noverraz (2010), realizada no primeiro semestre de 2019 por docentes atuantes na rede pública de ensino e que cursam o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UFJF. A proposta interventiva buscou incentivar o prazer pela leitura e proporcionar aos discentes a ampliação de repertório acerca do gênero conto de suspense e terror.

O conto apresentado é de autoria de Rosa Amanda Strausz e tem por título “Morte na Estrada”, o qual foi inspirado em uma famosa lenda urbana, contada em diversas regiões do Brasil, na qual uma moça já morta vai à estrada pedir carona. Em sala de aula, o conto foi apresentado aos alunos por meio de uma leitura protocolada ao longo de 10 aulas.

Em âmbito mais específico, a atividade interventiva, de autoria dos próprios professores-pesquisadores, procurou ampliar a imaginação dos alunos através de *links* com lendas urbanas que os alunos já leram, ouviram ou assistiram, levando-os a refletir acerca das diversas possibilidades de construção do enredo de uma história de terror, trabalhando com atividades de interpretação dos trechos lidos em cada aula.

A justificativa para SD aplicada está, primeiramente, ancorada em Cândia (2004) e seu pressuposto de literatura como direito inalienável para uma sociedade justa, sendo assim, os alunos têm direito de ter contato com textos literários autênticos para leitura e cabe ao professor proporcionar esse direito. Sendo assim, as tarefas realizadas buscaram propiciar reflexão de aspectos de histórias de terror que eles já viram ou leram.

2. Fundamentação Teórica

A proposta de trabalho com Literatura com segundo segmento do Ensino Fundamental está fundamentada em Cândia (2004, p. 191): “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.”

Dessa forma, a literatura é vista como um direito que não pode ser cedido e um pressuposto essencial para uma sociedade igualitária. Sobre o caráter humanizador da literatura, Paulino (2004) afirma que “Na escola ou fora dela [...] a leitura literária [...] está sendo mais valorizada neste novo século, como modo de humanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias”.

O projeto em questão apoia-se no conceito de letramento literário como “pro-

cesso de apropriação da literatura enquanto linguagem”, conforme Paulino e Cosson (2009). Nesse sentido, sugere-se que o aluno se aproprie de elementos característicos de uma história de terror, mais especificamente, de como são criadas e passadas de geração para geração as lendas urbanas.

Cabe ao professor incentivar o gosto pelo texto literário em suas turmas e ampliar o repertório que os discentes já possuem de vivências extraclasse e trazer para o universo da sala de aula como forma de sistematizar e consolidar conhecimentos já adquiridos. Assim, Iser (1996, p.131) comenta que:

O grau de definição do repertório é um pressuposto elementar para que texto e leitor tenham algo em comum. Pois uma comunicação só pode realizar-se ali onde esse traço comum é dado; ao mesmo tempo, porém, o repertório é apenas o material da comunicação, o que vale dizer que a comunicação vem a se realizar se os elementos comuns não coincidem plenamente.

Na mesma medida, a perspectiva adotada para o trabalho com o gênero de terror é a de Todorov (2004). O gênero terror é definido como um subgênero da literatura fantástica na medida em que está é definida como: “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2004, p. 31). A proposta ancora-se no trabalho com um texto literário do gênero terror de Rosa Amanda Strausz, denominado “Morte na Estrada”, onde as ações decorrem através de acontecimentos sobrenaturais.

3. Etapas da sequência didática

3.1. Primeira etapa – Pré-Leitura (1 aula)

Antes de iniciar a leitura, converse com a turma e realize perguntas de pré-leitura, tentando despertar a curiosidade e atenção do corpo discente para a leitura que será realizada posteriormente. Elementos paratextuais, como o título, a imagem e a autora, podem ser cruciais nesse momento.

Em seguida, inicie a leitura do texto de Rosa Amanda Strausz (2006):

3.2. Segunda etapa – Leitura protocolada (1 aula)

Morte na estrada

Figura 1- Lenda Urbana



Fonte: Rosa Amanda Strausz

Por favor, não me entenda mal. Mas não gosto de meninas. Acho esquisito o jeito delas, sempre gritando demais, rindo demais, olhando a gente e cochichando. Sempre acho que estão rindo de mim. Tenho alguns colegas que já beijaram. Eu tenho nojo. E também medo de que a menina ria de mim.

Mas esse medo foi a minha perdição. Vou contar o que aconteceu. Imagino que todo mundo conheça a história da assombração da estrada. Eu conhecia desde pequeno. Meus pais também. Era assim: uma família viajava de carro quando surgia uma mulher desesperada à beira da estrada. Pedia socorro, dizia que tinha um carro caído na ribanceira próxima dali com três crianças feridas dentro dele. A família parava e ia até o local. Ao chegar lá, descobria um carro acidentado. De fato, havia três crianças feridas, mas vivas. Ao volante, estava a mãe delas, morta — e era a mesma mulher que tinha pedido socorro na estrada.

Perguntas:

1) Logo no primeiro parágrafo, é possível perceber o que acontecerá ao longo da história?

2) No terceiro parágrafo, o personagem diz que já ouviu uma “história de assombração na estrada”. Você conhece alguma? Se sim, qual?

Continuação do texto (2 aulas)

O fato de já ter escutado a história inúmeras vezes não livrou nem a mim nem a minha família de passarem por uma situação muito parecida. Voltávamos de viagem. Uns dias muito divertidos no sítio de um amigo de meu pai. Vínhamos, no carro, ainda relaxados, brincando e já fazendo planos para o próximo feriado. Estávamos a pouca distância de casa quando vimos uma mulher na beira da estrada. [...] A mulher gesticulava, chorava, gritava, tudo ao mesmo tempo. [...] Meu pai largou o volante e dirigiu-se para o local, seguido de perto por minha mãe e por mim. Não olhamos para trás, para ver se a mulher nos acompanhava. Não acompanhava. Ao chegar lá, o rosto angustiado, com o rabo-de-ca-

valo desfeito pelo impacto, mas os olhos tão arregalados de pavor como tínhamos visto na estrada, era o da mulher ao volante. Morta. E, de fato, no banco de trás, três crianças choravam. Estavam machucadas, mas vivas. [...] Telefonemas, ambulância, hospital, uma confusão terrível. Só muito tempo depois, chegaram os avós dos meninos – que aliás, eram dois meninos e uma menina da minha idade – e tomaram conta de tudo, assim pudemos voltar para casa.

Levou um bom tempo para que as imagens do acidente e da mulher assombrada saíssem da minha cabeça. Uns três anos, acho. Não que eu tenha esquecido a história, mas parei de ter pesadelos, o que já era alguma coisa. Um dos mais frequentes era uma cena que acontecera no hospital. A situação já estava sob controle, os médicos começaram a chegar e a levar as crianças para a enfermaria. Foi quando a menina, cujo rosto eu não conseguia ver direito, porque estava muito machucado, agarrou-se em mim. Ela me abraçou, agarrou meu pescoço. Estava muito assustada. Eu também. Mas achei que ela queria me beijar. O rosto ensanguentado dela me deu um nojo tamanho que a empurrei com força. Ela acabou caindo no chão, de onde foi levada, aos berros, pelos médicos. A cena ficou gravada na minha memória. E voltava sempre em forma de pesadelo, cada vez mais agoniado. Num dos primeiros dias em que eu consegui relaxar, e vinha andando pela rua calmamente, a caminho de casa, vi uma menina parada na calçada, perto da minha casa. [...] Só quando cheguei bem perto, notei que havia alguma coisa errada com ela. Acho que era a expressão do rosto, bonita, mas estranhamente vazia. Só bem mais tarde, notei seus dedos, longos e trêmulos como as antenas de um inseto. Mas, aí, já foi tarde demais. Eu disse “oi” e sorri. [...] – Estava esperando você chegar, Tico – disse ela em resposta ao meu cumprimento. Disse assim, sem mais nem menos. Como se eu a conhecesse há muito tempo. – Você sabe meu nome? – perguntei, meio espantado. – Claro. – A gente se conhece? – Não tenho tempo para perguntas. Preciso que você venha comigo. Ela não parecia aflita. Mais por curiosidade do que por outro motivo, resolvi segui-la. Andamos em silêncio por um tempo. Até que não resisti e perguntei o nome dela. – É Dolores, não lembra? Mas pode me chamar de Dodô. Todo mundo chama.

Perguntas:

- 3) Que situação da história mostra fatos comuns, relacionados com o plano da realidade?
- 4) O que você faria no lugar do protagonista Tico quando a garota de nome Dolores o chamou para ir com ela sem saber para onde?
- 5) O nome “Dolores” sugere algo? Justifique sua resposta.

Continuação da leitura (2 aulas)

Eu não lembrava. E comecei a ficar preocupado. Já estávamos quase saindo da cidade, e Dodô não dizia nada. Só caminhava, sem olhar para os lados e sem prestar atenção em mim. Aquilo foi me deixando aflito. Tentei puxar assunto. — Não me lembro de onde conheço você... — gaguejei. Dolores se limitou a dar uma risadinha seca, que logo desapareceu de seu rosto. — Não lembra mesmo? — Um leve tom de deboche ao fundo.

Nunca fui bom em manter o autocontrole. Não sabia porque, mas a situação me dava calafrios. Engrossei a voz. — Se você não me explicar direitinho o que está acontecendo, paro por aqui mesmo. Ela não pareceu abalada com minha voz alta e quase esganiçada, voz de quem está assustado. — Não seja idiota. Já estamos chegando. Aquilo mexeu com meu orgulho. Decidi ser firme e prosseguir sem demonstrar maiores medos. O problema é que há uma grande distância entre o que a gente pretende demonstrar e o que realmente acontece com nossos nervos. Quer saber o que acontecia com os meus? Basta imaginar um minhocário lotado. Milhões de minhocas rebolando ao mesmo tempo, umas esbarrando nas outras, umas se enroscando nas outras. Talvez isso dê uma imagem mais exata do que ocorria com meus nervos. Mas resolvi contrariar a multidão de vermes molengos na qual se transformara meu sistema nervoso. Firmei a voz e disse: — Tá bom. Vamos lá. A voz saiu mais fina do que eu gostaria. Mas não tremeu.

Depois de uma caminhada mais longa do que eu imaginava que pudesse suportar, finalmente, Dodô parou. Parou à beira da estrada, a cerca de dois quilômetros de onde eu tinha visto o acidente que matara a mãe das três crianças. Foi só então que me lembrei nitidamente de onde a conhecia. Era a menina que chorava no banco de trás do carro, a mesma que tínhamos levado para o hospital. Olhando bem para seu rosto, ainda se podiam ver algumas cicatrizes. Mas era difícil reconhecer. A menina à minha frente não dava nojo, não tinha o rosto deformado, não estava em pânico. Era bonita, tranquila e ligeiramente perturbador. Dodô parou à beira da estrada e ficou olhando para um ponto lá embaixo, no barranco. — O que tem ali? — perguntei. — Por que não vai até lá e vê? — sugeriu ela, as mãos ainda mais nervosas, como se fossem estrangular alguém. Um pavor medonho, o sangue gelado, mas eu tinha que ir. E fui. Desci com cuidado a ribanceira e consegui vislumbrar algumas ferragens retorcidas lá embaixo. Não era hora de fugir. Obriguei minhas pernas a descerem mais um pouco, meus olhos a não se fecharem e minha garganta a não berrar de pavor.

Havia uma motocicleta lá embaixo. O corpo de um rapaz, ainda de capacete, jogado no meio do mato. Pela posição das pernas, dobradas para trás, e pelo peito que não se mexia, dava para adivinhar que estava morto. Uma menina estava enroscada no banco do carona. E parecia ainda viva. Ao me aproximar, percebi a calça jeans e o cabelo preso no rabo-de-cavalo. Era a menina da estrada, eu tinha certeza. Mas não fugi, decidido a salvá-la. Cheguei perto dela, vi que respirava, passei os braços em torno de seu corpo e levantei-a. Assim que comecei a subir a ribanceira, senti que os seus dedos envolviam meu pescoço como uma planta que cresce rápido demais. — Calma, já vamos chegar — tentei falar. Mas era cada vez mais difícil. Seus dedos, nervosos como as antenas de um inseto, apertavam cada vez mais minha garganta. Antes que eu pudesse tentar me desvencilhar, vi seus olhos muito abertos. E um sorriso, que se abria à medida que suas mãos se fechavam.

Perguntas:

- 6) Em que parte da narrativa pode perceber que algo estranho ocorre ou vai acontecer?
- 7) O que será que aconteceu com o personagem no final da história?
- 8) Você recomendaria essa história para alguém? A quem? Por quê?
- 9) Volte ao texto e identifique os elementos da narrativa abaixo:
 - a) Quem participa da história?
 - b) Onde a história se passa?
 - c) Quando a história acontece?
 - d) Quem conta a história?
 - e) O que aconteceu na narrativa? Como se desenrolam os fatos?

3.3. Terceira etapa - Produção de texto (2 aulas):

Escreva uma história assustadora sobre algo que já ouviu ou que imagina, pode ser real ou ficcional.

3.4. Quarta etapa - Oralidade (2 aulas):

Agora, façam uma roda de conversa e comente sobre suas histórias. Posteriormente, digam o que mais tem medo, por quê? (por exemplo, tenho medo de cachorro, pois já fui mordido por um). Por fim, como poderiam superar este medo.

4- Considerações Finais

Os contos de terror/suspense podem ser uma excelente alternativa para práticas de leitura com os alunos de distintas faixas etárias, já que aguçam a imaginação e prendem a atenção por necessitarem descobrir o que ocorrerá até o fim da história.

O professor deve diagnosticar as preferências da turma e estimular a leitura dos discentes, devendo aquele transcender a imagem do mero “reprodutor” de livros di-

dáticos. Assim, o docente pode ser o autor de seu próprio material ao criar atividades direcionadas a uma turma específica, buscando textos ou materiais diversificados na Internet ou até adaptando criticamente os exercícios de seu livro didático

Os professores-pesquisadores vêm adotando a prática autoral de seus materiais de sala de aula e vêm detectando melhoras quanto ao desenvolvimento do senso crítico e habilidade leitora de seus alunos.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. 1.ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

PAULINO, Graça. *Formação de leitores: a questão dos cânones literários*. Revista Portuguesa de Educação. Braga, Portugal, vol. 17, 2004, p. 47-62.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-81.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *Sete Ossos e Uma Maldição*. Rio de Janeiro. Rocco, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

***GUSTAVO GOMES SIQUEIRA DA ROCHA** (RIO DE JANEIRO). É professor na rede pública de educação de Minas Gerais e cursa Mestrado em Letras pela UFJF. Organizador da coletânea “Reflexões sobre línguas”, lançada em 2020 pela Editora Uniedusul. É autor de artigos publicados em Anais de eventos e capítulos de livros.

CARINA DE ALMEIDA COELHO (MINAS GERAIS/ RIO DE JANEIRO). É professora na rede pública de educação de Minas Gerais e cursa Mestrado em Letras pela UFJF. Autora de artigos publicados em Anais de eventos e capítulos de livros.



Blecaute

Revista de Literatura

Campina Grande (PB) – Nº21

Jul - Dez - 2020

ISSN: 2238-930X

ENSAIOS VISUAIS